



HOSPITAL DOS INVALIDOS EM PARÍS.

Os ROMANOS e os gregos, para quem a guerra era uma principal precisão, e a gloria das armas o maior incentivo; que exigiam que todos os cidadãos fossem soldados, e só por serviços feitos á patria conferiam dignidades e honras; nunca se lembraram de estabelecer asylos para os seus guerreiros, quando feridos ou enfermos se viam constringidos a largar as armas. O soldado romano, depois de gloriosas campanhas, carregava com o pêso da sua miseria para os terrenos incultos, que era a unica recompensa que lhe davam; e muitas vezes não podendo conseguir fazer productivo o torrão que laboriosamente amanhava, recolhia-se ao centro das cidades opulentas, por elle e seus camaradas salvos do saque e destruição, a esmolar o pão da caridade. Nas modernas nações civilisadas da Europa reparou-se este mal: em todas, mais ou menos, ha disposições de lei e estabelecimentos cujo fim é salvar da absoluta indigencia e desamparo os cidadãos que se sacrificaram pela patria: verdade é que ainda apparecem injustiças relativas, mas em geral todos os estados tomaram providencias para não deixarem em ingrato abandono os que bem os tem servido, expondo a vida pela salvação da republica. Entre nós alem das reformas e outros encargos do governo, temos um exemplo de humanidade, dado pela Serenissima Princeza da Beira, D. Maria Francisca Benedicta, de saudosa memoria, na fundação do hospital d'invalidos em Runa, erecto e dotado á custa das suas rendas: não insistiremos mais nesta obra generosa, porque em outros logares do Panorama o temos feito, e porque a nossa estampa nos chama a tratar do estabelecimento que na capital da França agazalha os militares

impossibilitados para o serviço na sua honrosa e ardua carreira.

Os reis francezes da idade média esgotavam facilmente os seus recursos pecuniarios: então só as abbasias eram habitações espaçosas, que podessem recolher os soldados veteranos, mas pertenciam a pessoas que não davam conta das suas riquezas aos soberanos, e alem disso estavam atulhadas de gente. Todavia Carlos 9.<sup>o</sup>, usando d'um direito concedido á corôa, que permittia aos reis dispôr de certo numero de leitos em cada mosteiro, ordenou que essas camas fossem occupadas por soldados, os quaes seriam sustentados e mantidos, até morrerem, pelas comunidades. Os religiosos não cumpriram sem resistencia com esta ordem, mas, obrigados depois de longas questões a obedecer-lhe; trataram tão mal os hospedes que os soldados se viram na necessidade de pedir ao rei a graça de os deixar sahir daquelles asylos. Alem disso a associação de frades e soldados debaixo do mesmo tecto era realmente monstruosa; por isso o governo desistiu da primeira providencia, e passou a pedir a cada abbadia uma collecta proporcionada aos seus rendimentos, para applicar ao mesmo fim. Do fundo geral da contribuição se distribuia uma quota a cada invalido; mas este expediente era tambem defeituoso, porque as pensões eram tão modicas que para nada chegavam aos agraciados, nem os isentavam da penuria. Henrique 4.<sup>o</sup>, Luiz 13.<sup>o</sup> fizeram em seus reinados diligencias e tentativas para melhorar a condição dos veteranos, mas pouco ou nada conseguiram pela escacez de meios.

Subiu emfim ao throno o absoluto e fastoso Luiz 14.<sup>o</sup> Este monarcha não conhecia obstaculos e teve

poder e dinheiro para levar a cabo os seus projectos; foram um capricho seu as obras sumptuosas de Versailles e Marly, mas fizeram-se; aos impulsos da sua vontade imperiosa terrenos lodacentos se converteram em jardins amenos, o Sena constrangido veio com suas aguas trepar outeiros para banhar a regia habitação. Os ministros deste monarcha poderoso, e pertinaz nos seus intentos, o não contrariavam, antes se esmeravam em corresponder no prompto e amplo desempenho ás ordens e confiança de seu amo: por isso quando elle lhes ordenou que levantassem um asylo para os soldados da França erigiram um palacio magnifico, que satisfizesse o orgulho do fundador. Com effeito este edificio é um palacio. N'uma fachada de 600 pés de extensão abrem-se 130 janelas que deixam circular livremente o ar puro por vastos dormitorios; por cada um dos dois lados correm os dilatados lanços do edificio que vão acabar em segundo frontispicio, o qual fecha um pateo regular com capacidade para accomodar quatro mil homens, mettidos em forma; á roda desta praça ha galerias, que servem de passeio aos invalidos, quando o mau tempo os priva de sabirem aos largos jardins que flanqueam o hospital. Alem do frontispicio e deste grande atrio ha onze corpos de casaria interiores, cada um com seu pateo e jardim, e que todos tem sahida para aquelle largo principal. Sobre a segunda frente por cima da porta da igreja e no mesmo plano da base do magnifico zimbório, está o mostrador do relógio de extraordinarias dimensões. Cada repartimento tem seu particular destino: servem para refeitorios, dormitorios, cosinhas, para lavagens de roupas, para dispensas e depositos de toda a casta. Duas cosinhas servidas por trinta cosinheiros fornecem os refeitorios, onde quatro mil pessoas acham alimento saudavel, appetitoso e abundante. Ha distincção, como no exercito, entre official e soldado, mas este nem por isso é menos bem tratado: as differenças não são essenciaes; a baixella do servico do official é de prata, a que vai á mesa do soldado é de estanho, mas tão limpa e resplandecente como a prata. O aceio, a ordem, a commodidade reinam em todo o estabelecimento; de inverno ha fogões bem mantidos, que afugentam os rigores da estação. A enfermaria é excellentemente administrada: vinte e oito irmaãs da caridade tomam conta nos doentes com aquella efficacia e zelo religioso, que distingue esta admiravel instituição do grande S. Vicente de Paula, a quem a França tributa elogios e respeito, e o mundo christão com justo titulo venera nos altares. Tem estas piedosas enfermeiras morada á parte n'um dos corpos do edificio, com sua cosinha e mais officinas em separado, nem se communicam com os habitantes daquelle vasto circuito, que poderemos chamar uma villa, senão em os casos que exige o trabalho da enfermaria e do seu caritativo exercicio. Mas ha a particularidade de que não são ligadas por voto de castidade, podem casar, e se alguma dellas, findo o tempo do laborioso encargo que tomou por penitencia ou por devoção, quer sabir para contrahir o sagrado vinculo do matrimonio, prompto obtem licença e é logo substituida por outra do mesmo instituto.

O hospital tem officiaes superiores e um governador respeitado por todos os que o habitam: o tambor lhe bate a marcha todas as vezes que entra ou sahe: tem casa, jardim e creados em separado. Todas as officinas de misteres necessarios ha no hospital: pedreiros, carpinteiros, alfaiates, çapateiros &c. Escusado é dizer que não faltam medicos, cirurgiões, boticarios, enfermeiros &c. De forma que tudo quanto pode ser preciso está á mão e promptissimo quer

para o edificio, quer para as pessoas. Admira-se sobre tudo a magestosa architectura deste vasto edificio, as obras d'esculptura profusamente espalhadas pelo seu ambito, os canaes que circulam por toda a parte para levarem abundancia d'aguas, as pinturas, os arabescos que aformoseam as sumptuosas galerias; e custa a comprehender como Luiz 14.<sup>o</sup> lançando-lhe a primeira pedra em 1670 pôde dahi a quatro annos vir receber no hospicio acabado os testemunhos dos asylados que o habitavam: mas é verdade que, em 1674, soldados que andavam dispersos por toda a França, sem ordem, nem disciplina, nem pão certo, foram chamados e reunidos e acharam levantado para elles um palacio que no futuro havia recolher os vindouros defensores da patria. Os artistas á porfia segundavam as intenções do rei, e por isso este estabelecimento philantropico, que achára sympathias em todos os corações, ficou sendo um formoso monumento. Á capella que provisoriamente se ergueu seguiu-se o magnifico templo, que existe, mais demorado na sua construcção, porque consumiu trinta annos de trabalho. Levantou-se um elegante zimbório, adornado com quarenta columnas, pintado interiormente pelos mestres da epocha de Luiz 14.<sup>o</sup>, sobre um pavimento que appresenta a variedade do mosaico de marmores da Italia: collocada atraz do altar-mór aquella cúpula parece uma gloria que nos eleva a Deus. A igreja compara-se a uma vasta e longa galeria, cortada em tres divisões: a capella de Nossa Senhora, simples, mas nobre e sublime, contrasta felizmente com a riqueza do altar-mór. Este ambito religioso, onde o soldado velho, esquecidas as devassidões dos acampamentos, vem orar a Deus e arrepende-se, estava enfeitado com os trophéus de muitas batalhas ganhas aos inimigos, e quando as legiões do Norte entraram os muros de Paris os veteranos queimaram as bandeiras para não serem restituídas ás mãos a que as tinham arrebatado.

O zimbório dos invalidos avista-se dos arredores de Paris, e o camponez, ainda moço, que vem á cidade, contemplando-o pode alimentar a esperanza de passar honrada e quieta velhice, se a sorte o chamar aos combates e o poupar no ardor da peleja.

Os veteranos, acostumados anteriormente a vida mui activa, se ainda tem forças, podem occupar-se e entreter-se na agricultura e hortejo do terreno a que chamam o seu jardim: aquelles a quem a educação inclinou ao trabalho intellectual tem uma copiosa livraria, para alimento do espirito. Este ultimo beneficio é devido a Napoleão, como outros muitos melhoramentos. Estes invalidos podem contrahir matrimonio e ir ver suas mulheres todos os dias; mas o regulamento da casa exige que estejam recolhidos ás dez horas da tarde. Alguns filhos dos invalidos são educados no hospital, onde recebem optimo e adequado ensino. O numero dos alumnos é ainda o mesmo que fixou Luiz 14.<sup>o</sup>; são dezoito. D'ordinario aquelles, que melhor procedem, a administração concede a faculdade e vantagem da educação dos filhos.— N'um salão do hospital, adornado com os retratos dos marechaes de França fallecidos, celebra-se, uma ou mais vezes no mez, a sessão do conselho presidido pelo governador: é sua missão manter os direitos do estabelecimento, que ainda hoje se rege pelo regulamento do monarcha fundador.

Para o hospital dos invalidos, segundo as ultimas noticias, serão trasladadas as cinzas de Napoleão, onde se lhe erigirá mausoleu sob os auspicios de S. M., Luiz Philippe, rei dos francezes.

## INFLUENCIA DAS BOAS MANEIRAS.

A VIRTUDE e sabedoria são duas qualidades que exercitam grandissima influencia na boa opinião, que de nós formam as pessoas com quem lidamos; mas essas qualidades não bastam, muitas vezes, para nos grangearem as sympathias dos individuos de quem depende o nosso bem estar, e o adiantamento da nossa carreira social. Antes que manifestemos os sentimentos e o talento que possuímos, já as boas ou más maneiras que adquirimos no mundo teem produzido o seu effeito; e se uma vez causaram desfavoravel impressão perdido fica o melhor ensejo de poder-mos mostrar quaesquer excellentes qualidades que nos ornem.

A quem não acontecerá sympathisar ou antipathisar com qualquer pessoa á primeira vista? As primeiras sensações teem sempre grande poder, e por isso diz um escritor eminente que *a presença agradável é uma excellente carta de recommendação*. As maneiras polidas não teem, comtudo, menos valor: aquella é um dom da natureza estranho a influencias humanas; estas, pelo contrario, podem ser modificadas a nosso bel-prazer, sempre que o queiramos. E eis o motivo porque com muita razão, e até justiça, somos, mais ou menos, afeiçãoados ás pessoas com quem tratamos. O homem que podendo tornar-se amavel o não faz, dá direito aos outros a que o despresem, e mostra, alem disso, que teve uma educação pouco delicada, e que não respeita os nossos sentimentos, nem se lhe dá de que delle formemos boa ou má opinião.

O curto espaço deste jornal não nos permite dissertar extensamente sobre o thema que tomamos, posto que bem importante seja; comtudo não deixaremos de voltar de tempos a tempos a este importante assumpto, fixando as regras que devem guiar os mancebos que desejarem acreditar-se pela sua probidade e boas maneiras. Verdade é que a situação, e circumstancias particulares do individuo devem influir muito em seu procedimento, tanto a estes como a outros respeitos. — O que é absolutamente necessario a uma pessoa, em certas occasiões, para ser bem conceituada, é reputado n'outra, em caso diverso, como mera e ridicula affectação: — não firmaremos só regras de um valor geral; tambem estabeleceremos as que forem applicaveis a circumstancias e casos particulares. Persuadam-se os que desejarem adquirir boas maneiras, que o desejo sincero de agradar é o melhor e mais poderoso meio de o conseguir. Este desejo ensina-nos a um tempo a fugir da grosseria que offende a sociedade, e das maneiras afeminadas e servís que, longe de nos tornarem amaveis fazem com que sejamos aborrecidos das pessoas a quem procuramos interessar. — O que recommendaremos aos mancebos, porque muito pode concorrer para as suas boas maneiras, é que não interrompam a pessoa que estiver fallando. Só quem tem estudado o homem, é que conhece o quanto convem a qualquer pessoa escutar os outros com attenção. — Quebrar-mos o fio do discurso que se nos dirige, seja para combater, ou rectificar idéas, offende e desgosta a pessoa que é assim tão incivilmente tratada. Tocamos com preferencia nesta especie por dizer respeito a um mal de que communmente adoece mancebos, ate de grande talento. A vivacidade e impaciencia tendem ambas a occultar-lhe o má effeito de semelhantes interrupções, e não lhes deixam ver que não só enfadam os outros, como desperdiçam reflexões e commentos que n'outra qualquer occasião, seriam aproveitaveis, e produziriam grande effeito. Interromper quem falla é bastante

desagradavel; e muito mais porque equivale a dizer a uma pessoa, já assaz offendida no seu amor proprio, que o que ella diz, nada vale. Similhantes actos apresentam-nos aos olhos dos outros como homens de character insolente, e delles não resulta bem algum a quem os pratica.

## TRANQUILLIDADE.

A UM dia segue-se outro dia, e a um anno outro anno: recebâmos, pois, do tempo o que elle nos der. Um seculo de doença e amargura vale menos do que um dia de tranquillidade. A origem dos nossos prazeres está no nosso coração. E muito offende á divindade o que julga poder achar essa origem n'outra parte.

Assim pensava um verdadeiro sabio quando dizia — «Todos os meus projectos, desejos e esperanças se geram no meu seio. Os rios correm rapidamente para o mar, e nelle desaguam sem o perturbar: assim acontece com o meu coração; e todos os acontecimentos deste agitado mundo não me obrigarão a dar um suspiro. O meu norte e guia é a verdade; e a moderação o leme que me dirige na derrota. Vou sempre por caminho direito, seja qual fôr o vento que sopra: — as nuvens sobem e descem em torrentes, sem me inquietarem; e quando me escondem o sol, regulo a minha viagem pelas estrellas da noute. Contento vive a andorinha no seu ninho, observando placidamente os terriveis combates dos abutres, e seja qual fôr o vencedor, nunca lhe faltam moscas e vérmes de que se sustente. Visto-me de panno grosso; o meu alimento é frugal, e a palha que cobre a minha cabana vai cahindo com o tempo. De que me serviria, para o dia de amanhã, andar hoje vestido de seda, e ter saboreado delicados manjares? Os tectos dourados não afugentam os cuidados nem as pennas; e n'uma humilde choça tambem se escapa aos estragos do terremoto. Nas minhas duas mãos existe o meu patrimonio: — ellas me entregam diariamente o producto do meu trabalho.

Quando aperta a calma procuro o fresco á sombra de frondosa arvore; e quando me incommoda o frio aqueço-me trabalhando. Verdade é que envelheço; porem os meus filhos, ainda jovens, me retribuirão com cuidados e desvellos os favores que me deverem pela sua educação e sustento. Se tratarem sempre verdade, e viverem com prudencia, não darão em cem annos um só suspiro. — Rasguem-se as nuvens com trovões; soprem os ventos rijamente: — de qualquer parte que venha a tormenta a tranquillidade é um porto seguro para abrigar um coração innocente. Salve, tranquillidade da alma, doce prazer da vida: — os reis venderiam as suas corôas para comprar-te se conhecessem o teu valor. Completa os teus beneficios; e já que me ajudaste a viver feliz, ajuda-me tambem a morrer tranquillamente.

(*Extrahido da traducção de um poema china, attribuido ao celebre Dr. Lean.*)

## CERTIDÃO DE MORTO.

SENTENCIADO á morte um cabo irlandez, na Inglaterra, quiz fazer sua mulher participante d'esta infausta noticia: uma quinta feira escreveu, que havia de ser enforcado na sexta; mas a carta só podia chegar ao seu destino na segunda; occorreu-lhe então, que na quinta feira não podia dizer com certeza o que havia de acontecer no dia seguinte, e que a sex-

ta feira era um dia em que se havia de achar mui occupado: assentou pois em escrever com a data do sabbado, e assim ficavam removidas todas as difficuldades. A carta foi concebida n'estes termos.

«Minha mui presada mulher. Senti no íntimo da alma que hontem te não achasses aqui para te dar o derradeiro abraço. Saberás que hontem me enforcaram pouco depois das onze horas da manhã. Graças a Deus, morri como bom christão depois de me

haver confessado e commungado, e tive a satisfação de observar que todos se compadeceram de mim. Maria, não me percas da lembrança, e não te esqueças de dizer aos nossos filhinhos que já não teem pai. Teu marido muito affectuoso, até depois da morte, — *Patricio.*»

Na presença d'uma tal certidão de morto, a viuva passou logo a segundas nupcias, tão sómente para que seus filhos, como ella dizia, não estivessem sem pai.



GODOFREDO FALLANDO AOS CAPITÃES DA CRUZADA.

Aos CAPITÃES os outros se ajuntaram,  
E Bohemundo aqui só não concorria,  
Parte nas tendas, parte se alvergaram  
No giro, outros Tortosa recolhia;  
Os principaes do campo se adunaram,  
Senado grande e em solemne dia:  
E começou Gofredo com decoro,  
Augusto em rosto, em prática sonoro.

«Campeões de Deus, que a restaurar os damnos  
Da sua fé o rei dos céus vos ha elegido,  
E seguros entre armas e entre enganos  
Vos tem por terra e mares conduzido,  
Tanto que tendes já em tão poucos annos  
Muitas infieis provincias submettido,  
E entre gentes vencidas, e domadas,  
Seu nome e suas bandeiras levantadas.

Nenhum de nós deixou doces penhores,  
Nem patria amada, se o meu crêr não erra,  
Nem aos mares se quiz expôr traidores,  
Nem aos perigos da distante guerra,  
Por conseguir sómente os vãos clamores  
Da fama, e dominar barbara terra;  
Que isso era buscar premio desluzido,  
E o sangue em damno d'alma ter vertido.

Só foi glorioso fim do nosso intento,  
Combater de Sião o excelso muro,  
Livrando a christandade do violento  
Jugo de servidão molesto e duro,  
E dar a um novo reino fundamento  
Em Palestina, ao zêlo e fé seguro,  
Que ao peregrino deixe que devoto  
O grão túmulo adore e cumpra o voto.

É muito quanto ao risco o que se ha obrado,  
Mais que muito, o trabalho padecido;  
Mas pouco ou nada a honra tem ganhado,  
Tendo as armas o intento pervertido:  
Que importará de Europa o convocado  
Valor, que na Asia o fogo tem mettido,  
Se fôr o fim de acções tão peregrinas,  
Não fabricas de reinos, mas ruínas!

Edifício não faz quem monarchia  
Sobre alicerces quer fundar mundanos;  
Onde poucos fieis tem companhia  
Entre infinitos povos de pagãos;  
Onde do auxilio grego mal se fia,  
E o do occidente não é prompto aos damnos;  
Antes ruínas move, e em acto improprio  
Só constrúe o sepulchro de si proprio.

Turcos, persas, e Antióchia é illustre gente,  
De nome grande e de obras valorosas;  
Accção nossa não foi, que o céu potente  
As victorias obrou maravilhosas;  
Mas se o fim pervertermos nesciamente,  
Que o doador poz a empresas mais gloriosas,  
Temo que seja fabula do mundo  
O nosso nome, agora sem segundo.

Ah! não haja nenhum, que tão subidos  
Dons com mau uso estrague e desmereça!  
Aos principios heroicamente urdidos  
O fio e fim da obra se pareça:  
Se os passos vemos já desimpedidos,  
Se o tempo já nas inclemencias cessa,  
Porque á gloriosa méta não corremos?  
Que mais impede o fim que pretendemos?

Principes, eu protesto [os meus protestos  
Ouça o mundo presente, ouça o futuro,  
Hoje tambem ao céu são manifestos]  
Que o tempo desta empreza é já maduro;  
Mas, em seus cursos varios e molestos,  
Se arrisca na demóra o que é seguro;  
Presagamente sei que, se não corro,  
O Egypto á Palestina dá soccorro. —

Disse. E ao dito seguiu murmurio breve  
&c. . . . .

*O Godofredo ou Jerusalem libertada. Poema  
do Tasso vert. em port. pelo Dr. André Ro-  
drigues de Mattos. — Cant. 1.º Est. 20 a 29.*

Copiámos estes versos da traducção portugueza da *Jerusalemme liberata*, mais para dar noticia da versão daquelle poema que para os appresentar como modelo de rythmo e de elegancia. Foi ella feita pelo Dr. Mattos, e impressa em 1682: a aspereza e dissonancia do metro, alem d'outros defeitos, póde attribuir-se ao nimio escrupulo do traductor, que traduziu oitava por oitava e verso por verso; não será preciso muito conhecimento dos trabalhos litterarios e das fórmas poeticas para se avaliar a difficuldade desta empreza. Em summa sem desculparmos inteiramente André de Mattos, quizemos mostrar que havia uma versão em rima portugueza do poema immortal do Tasso, homem célebre e desgraçado, cuja biographia escrevemos a pag. 71 do 1.º vol. Falta-nos agora fallar do heroe da sua epopéa. Foi este *Godofroi de Bouillon*, ou Godofredo de Bulhões, que possuia todas as qualidades de um completo cavalleiro da idade média, generosidade, lealdade, brandura; e ao mesmo tempo todas as virtudes christãs, modestia, pureza, e fé; todos os dotes de guerreiro, animo, força, ousadia e prudencia. Foi o primeiro e o mais esplendido astro das cruzadas: é o nome unico, que não tem mancha.

Ainda Godofredo era moço e defendeu valorosamente o seu ducado de Lorena contra as pertençaes do imperador, Henrique 4.º Todavia, esquecendo passados agravos, por occasião das famosas desavenças entre Gregorio e Henrique, tomou partido pelo ultimo, e governou um troço das tropas imperiaes, que entraram em Roma. Aconteceu attaca-lo nesse tempo uma grave enfermidade, pensou que o céu o castigava por haver tomado armas contra o papa, e fez a Deus promessa de que consagraria a sua vida em defensão dos christãos do oriente. Os pios furores do entusiasta eremita Pedro lhe offereceram a occasião de cumprir o voto. Godofredo se alistou sob o estandarte da Cruz. Para accudir ás despezas da empreza sagrada, viu-se obrigado a resgatar o feu-

do da cidade de Metz, de que era *suzerano*, e a vender suas terras aos bispos, como fizeram outros senhores, porque os prelados, posto que interessados naquellas luctas religiosas, não escrupulisavam em se aproveitar do entusiasmo louco dos cruzados e comprar-lhes os bens pelos preços mais diminutos.

Bandos christãos, como é sabido pelas historias dos cruzados, tinham já ido adiante e commettido toda a casta de violencias, latrocínios e crueldades, quando Godofredo se poz á frente do exercito. Reconhecido unanimemente por commandante primeiro, posto que não fôra eleito, obrou não como fanatico insensato, mas como general habil e prudente: preparou com precauções puramente humanas o bom resultado da expedição, e, sem resfriar o zélo ardente das tropas, soube submettê-las a severa disciplina, apesar do incalculavel esforço que lhe era mister empregar para rehabilitar os cruzados na publica opinião; tão mau era o procedimento dos que o precederam!

Ao chegar a Constantinopola libertou alguns cavalleiros, que o imperador Alexis Comnene, tinha captivos: o grego vendo que nada podia recusar a seiscentos mil homens poz em campo demonstrações d'amisade para que se esquecessem d'actos hostis: fez presentes magnificos, promessas e protestos aos principaes cabeças, e obteve que lhe renderiam maenagem por suas futuras conquistas. Contava o experto imperador lucrar com a alliança dos cruzados, e não se enganava: em mero proveito d'elle pozeram os christãos cerco a Nicéa: no momento em que, passados numerosos assaltos, iam tomar posse da cidade, fluctuando o estandarte d'Alexis sobre os muros, lhes annunciou que ella pertencia ao seu alliado, e que o accommettimento devia cessar: porquanto os turcos, instigados por agentes occultos do imperador grego, preferiram entregar-lhe a praça a deixa-la entrar pelos christãos enfurecidos, que não deixariam pedra sobre pedra.

Depois da tomada de Nicéa, o exercito christão, para mais facilmente obter viveres, marchou dividido em dois corpos, mandado um por Bohemundo, filho de Roberto Guiscard, outro por Godofredo. A primeira divisão atacada pelo activo Kilidge Arsan nas planicies de Dorylea, estava a pontos de succumbir, apesar de heroica resistencia, se não sobreviesse Godofredo, que por sua valentia e pericia arrancou os louros da victoria das mãos dos infieis. No caminho de Nicéa para Antiochia, por meio dos campos aridos e torrados da Phrygia e da Isauria, os christãos soffreram os horrores da fome e sede: o generoso Godofredo não só reanimava os cruzados com exemplos de piedade e constancia, com suave e persuasiva eloquencia, mas dispensava as suas vitualhas para sustento das mulheres e creanças. Junto ás muralhas d'Antiochia, cercadas as tropas no proprio acampamento, minguadas pela fome e as molestias, achavam-se no ultimo apuro, entam recorreram os capitães ao piedoso stratagema de publicarem um milagre que accendesse o entusiasmo e vigorasse os animos quebrantados; assim o fizeram, os soldados, cheios de confiança no auxilio divino, combatteram como leões e os sarracenos foram completamente destrogados: Godofredo praticou altas proezas neste dia memoravel.

Desembaraçada ficava a estrada para Jerusalem: dahi a dias esta cidade foi tomada e mettida a saque. Quizeram os cruzados erigi-la em cabeça d'um reino, e trataram de escolher d'entre si o monarcha. Como eram muitos os pretendentes escolheram dez eleitores, que decidissem o caso, nomeando o mais digno e benemerito. Godofredo de Bulhões foi ac-

clamado com satisfação geral; porem o modesto heroe recusou as insignias da realza dizendo que nunca poria na cabeça uma corôa de ouro na cidade onde o Salvador fôra coroado de espinhos.

Offendidos em seu orgulho e fanatismo os sarracenos profiaram disputando a conquista aos christãos. O novo rei de Jerusalem sahio-lhe ao encontro, e ganhando a gloriosa victoria de Ascalon, em dia d'Assumpção, poz termo á guerra: e logo tratou de aproveitar-se da paz para o bem e interna prosperidade dos seus estados: no meio destes cuidados o tomou subita morte, attribuida a envenenamento, que interrompeu os trabalhos legislativos e destruiu o brilhante futuro da Palestina. — « Godofredo [diz o historiador das cruzadas] sobrepujou na pericia militar a todos os capitães do seu seculo; e se por mais tempo reinasse teria logar distincto no catalogo dos grandes monarchas. » — Morreu aos 18 de Julho do anno 1100.

#### PARTE PARA A INDIA O FAMOSO PEDRALVES CABRAL.

No DIA 8 de Março de 1500 partiu para a India o famoso Pedralves Cabral, filho de Fernão Cabral, Adiantado da provincia da Beira, senhor de Zurara, e alcaide-mor de Belmonte. Levava uma armada de treze velas, e foi a segunda, e Pedralves o segundo capitão-mor que fez aquella nova e perigosa jornada. Elrei D. Manuel, em demonstração do seu alvoroço e empenho por causa dos novos descobrimentos, foi no mesmo dia com toda a côrte ouvir missa na ermida, que então era, de Belem. Houve sermão que prégou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, conforme e ajustado ás circumstancias occorrentes. Todo este tempo teve elrei comsigo, dentro da cortina, ao Cabral, por honra do grande cargo que fiava delle. No fim da missa se tirou do altar uma bandeira da Cruz da Ordem de Christo, e foi entregue ao mesmo capitão-mor, que dalli se foi embarcar, a tempo que cruzavam pelo rio infinitas embarcações, e as praias se viam cobertas de gente, e esta rompia em diferentes affectos, já de tristeza, já de esperança, já de temor. Partiu enfim a armada, cujo successo em parte foi infeliz, em parte felicissimo: — infeliz, porque os mares lhe comeram quatro naus da sua conserva, com tudo o que ia nellas; — felicissimo, porque os mesmos mares a levaram ao descobrimento da nova Lusitania.

#### D. MARIA URSULA D'ABREU E LENCASTRO.

D. MARIA Ursula d'Abreu e Lencastro, natural do Rio de Janeiro, filha de João d'Abreu d'Oliveira, havendo deixado a casa de seus pais em idade de dezoito annos, veio a Lisboa, e sentando praça de soldado com o nome de Balthasar do Couto Cardoso, passou ao Estado da India, onde serviu por espaço de doze annos, oito mezes e treze dias, desde o 1.º de Setembro de 1700 até 12 de Maio de 1714, na praça de soldado, em varias fortalezas e na cidade de Goa, achando-se na tomada de Ambona, que se levou á escala com muita mortandade, sendo das primeiras pessoas que entraram naquella fortaleza com evidente risco de vida, e depois em varias campanhas e baterias. Sendo nomeada cabo do baluarte da Madre de Deus na fortaleza do Chaul, se houve com assignalado valor em todas as occasiões que o inimigo a accommetteu, e em todas as outras em que se achou no decurso dos ditos annos procedeu

como bom soldado, fazendo-se attender sempre pelo seu esforço. Elrei D. João 5.º nosso senhor, em satisfação destes serviços, a despachou no dia 8 de Março de 1718, fazendo-lhe mercê do Paço de Pangim, dando-lhe faculdade para a nomear em seus filhos, e na falta delles em quem lhe parecer, mandando-lhe logo dar um xerafim por dia, pago na alfandega de Goa, em quanto não entrasse na referida mercê.

(Ann. Hist.)

#### MODAS.

##### Cabelleiras.

A INVENÇÃO das cabelleiras data do tempo dos primeiros imperadores romanos. O imperador Otho usava uma especie de solidéu com cabellos tão bem pegados, e por tal arte dispostos, que pareciam naturaes. Em quasi todas as nações da Europa se acha introduzida a moda das cabelleiras: — nos homens para encobrirem as calvas; e nas senhoras para occultarem as cans da velhice. Os juizes, em Inglaterra, usam nos tribunaes tão enorme cabelleira que bem semelha a cauda de um cavallo branco andaluz; e aos letrados não é permittido praticar actos de advocacia sem terem na cabeça uma alva e respeitavel peruca: — circumstancia essencial n'aquelle paiz, e sem a qual se não podem alli expor as leis, nem proceder ao julgamento de uma causa nos tribunaes de justiça.

##### Barrete.

O barrete é tido, desde longo tempo, como emblema de liberdade; e com elle eram brindados os escravos romanos no acto da emancipação. Ha, todavia, paizes na Europa aonde se faz uso do barrete como signal de infamia e ignominia. Em Roma distinguem-se os judeus por um barrete amarello que a lei obriga a trazer: — no ducado de Lucca é côr de laranja. No seculo 16.º havia uma lei em França que determinava que os fallidos de credito trouxessem um barrete verde, para serem desse modo conhecidos; e tão severamente foram elles tratados, que em 1633 se publicou outra lei declarando que o negociante fallido que andasse sem aquelle distinctivo perderia o direito á protecção do governo, podendo então ser preso por qualquer credor. Na Escocia existiu uma lei quasi similhante, que obrigava os fallidos de credito a trajarem casacas de duas côres diferentes.

Os chinas usam barretes de um feitio particular, que jámais tiram da cabeça, qualquer que seja o acto, ou cerimonia a que assistam: o feitio é sempre o mesmo; a droga é que varia segundo a estação. O casco do barrete é de esteira finissima. De verão forram-no de setim, e de inverno de pelle mui fina, pendendo sempre delle uma borla de seda vermelha que o cobre na largura, a qual com a agitação do andar produz um bello effeito.

##### Chapeos.

Foram os padres os inventores dos chapeos, que ao principio eram quadrados; sendo esta a razão porque ainda hoje conservam aquella forma os barretes dos clerigos. Algum tempo depois começaram a ser moda os chapeos armados, similhantes aos que ainda hoje usam os ecclesiasticos graves, que sabem trajar segundo o seu character; e em seguimento a esta moda veio a dos chapeos redondos que foi adoptadn por todas as classes do povo. Os chapeos triangula-

res usaram-se quasi geralmente em Inglaterra e França; e em Hespanha designaram-nos para uniforme da milicia, côrte, e empregados de estabelecimentos regios. Quando Carlos 3.<sup>o</sup> voltou de Napoles, para tomar posse do throno de Hespanha, ordenou que não fosse permittido entrar em Madrid a quem não trouxesse chapeo triangular. Os andaluzes, entre os quaes só era moda os chapeos redondos, viam-se obrigados a dar aquella forma aos seus chapeos, embora estes fossem mui grossos e pouco flexiveis; e os arrieiros para sophismarem similhante resolução costumavam dar a forma triangular aos seus chapeos, afim de poderem entrar em Madrid, segurando-lhes as abas com tres paus rachados pelo meio: — é assim que illudiam uma ordem ainda mais absurda e despotica que a do czar Pedro 1.<sup>o</sup>, quando mandou cortar as capas, e abolir o uso das barbas compridas entre os moscovitas. O papa Innocencio 4.<sup>o</sup> foi o primeiro que destinou chapeos encarnados para os cardeaes, devendo estes trazê-los em occasião de procissão e ceremonias publicas, como symbolo de dignidade ecclesiastica mui elevada.

#### Botas.

Deve-se aos carianos o invento das botas: eram primeiramente de couro, mas depois faziam-nas de metal ou ferro temperado, afim de preservarem os pés de golpes, e pontas de frechas caidas no chão. Os gregos tambem as usavam deste metal. As botas de couro andavam muito em voga entre os antigos, que as traziam, especialmente no campo, e de cavallaria. Os romanos chamavam-lhes *ocrea*, sendo depois mais conhecidas pelo nome de *greva* ou *gamberia*.

Os chinas usam de uma especie de botas feitas de seda, ou de qualquer outra droga fina, forradas, ou acolxoadas de algodão, na grossura de um dedo. — Andam por casa sempre com ellas, e se acontece, quando estão sem botas, chegar uma visita, vê-se esta obrigada a esperar na ante-salla, até que a pessoa que procura se calce devidamente. Nunca sahem á rua sem botas, apesar de não darem um só passo, especialmente os grandes, que é costume andarem sempre em cadeirinha de mãos.

#### Paiz aonde não ha modas.

De um só paiz falla a historia aonde a palavra *moda* nem se quer é conhecida: — este ditoso paiz é o Japão. Ha mais de vinte e cinco seculos que os japonezes conservam os mesmos trajos, sem que nelles tenham feito a mais pequena mudança. O soberano, e seus ministros; os chefes e seus subalternos; os amos e os seus creados; homens e mulheres, finalmente, usam todos, assim no publico, como no particular de uma especie de opa que consiste n'uma saia larga e comprida, unida á cintura por uma fita, tambem comprida. A pessoa que usa, voltado para diante, o laço que se dá com a mesma fita, mostra desse modo que é casada; e conhece-se que é solteira se trazer o dito laço voltado para traz: — são estes os unicos signaes que alli distinguem aquelles dois estados da vida social.

A unica distincção que se observa entre as diversas classes existe, não no feitio, mas na qualidade e numero das vestes. Os nobres e os ricos trajam seda finissima, particularmente as senhoras, que trazem ás vezes vinte e trinta saias de diversas côres, e de droga tão leve que todas juntas pesarão, quando muito, duas ou tres libras. As pessoas da classe média usam duas ou tres opas ou saias de algodão fino; e as pobres, apenas uma de algodão grosso.

— Até o tempo de D. João 3.<sup>o</sup> pouca alteração se notou no modo de trajar dos portuguezes; — no entanto aquelle soberano, apesar do muito que dizia empenhar-se na conservação dos costumes e trajos nacionaes, asseverando que *nada seria capaz de o fazer parecer estranho na sua patria*, não teve força para se oppôr a que em Portugal se introduzissem alheios usos. As galas de Castella, e as delicias asiaticas que pelos annos de 1530 invadiram este paiz corromperam os seus habitantes, tirando-lhes a antiga modestia e parcimonia que os fizeram grandes e respeitados no mundo. Foi nessa epocha que principiou a decadencia dos portuguezes, devida sem duvida ás causas apontadas, e a outras que pouco depois se seguiram. A respeito do gosto que então começou a lavrar em Portugal por tudo o que era estrangeiro, expressa-se Simão Machado, na comedia *Alfea*, do seguinte modo: —

Vêlos-heis, disse, á franceza,  
Depois disso á castelhana;  
Hoje andam á bolonheza,  
Amanhã á sevilhana,  
E já nunca á portugueza.

O que tambem confirmou, ainda com mais chiste, o nosso bom escriptor, Francisco Rodrigues Lobo, na sua 4.<sup>a</sup> ecloga: —

Por isso qualquer profano  
Nos toma para entremez,  
Porque fazemos cada anno  
Té no trajo portuguez  
Mais mudanças que um sigano.

Não tomâmos isto em grosso.  
Vestimos por tantos modos  
Cada hora, que dizer posso,  
Que não temos trajo nosso,  
Porque o tomâmos de todos.

Á vista do que levâmos dito póde affirmar-se, sem medo de errar, que só os japonezes conservam trajos verdadeiramente nacionaes; e que todas as nações da Europa, sem exceptuar a portugueza, que ha mais de meio seculo tem sido copista desmedidamente fiel de trajos e usos estrangeiros, não fazem mais do que trocar mutuamente as suas modas e costumes.

#### Oculos.

Os ANTIGOS gregos e os romanos ignoraram o uso dos oculos para auxiliar a vista, ou diminuta por natureza, ou debilitada por molestias ou assiduo exercicio: grande era nesses tempos esta falta para os litteratos, como para os artifices que trabalham em obras delicadas; porque sem o soccorro das lentes muitos se veriam na impossibilidade de proseguir seus estudos, ou exercitar certos officios. As nações selvagens ainda não conhecem oculos; mas similhante privação lhes não é sensivel, pois que ignorantes da leitura, escripta e artes melindrosas e de luxo, basta-lhes a vista desarmada, ainda que viciada e gasta, para o desempenho de suas toscas obras; ao passo que na idade juvenil tem este, como os mais sentidos, extremamente apurado. As nações europeas, algumas asiaticas e a America colonizada são as que se aproveitam do importante beneficio dos vidros auxiliares da vista.

Parece que a invenção dos oculos não tem mais de seis seculos, desde que um escriptor arabe, chamado *Alhazen*, descreveu o modo de fabrica-los e obter com elles os desejados effeitos. Primeiramente os usaram os arabes da Andaluzia em principios do

seculo decimo terceiro, mas até o começo do decimo quarto não estavam ainda introduzidos nas outras nações da Europa.

Diremos algumas palavras sobre a escolha das lentes ou vidros, porque da exacta correspondencia da força ou graduação destes com o estado da vista depende a preservação della e os melhores effeitos que os oculos facultam. Todos sabem que os ha de duas classes, uns para curtos de vista, outros para vista cansada. No primeiro caso devem as lentes ser concavas para diminuir a refração excessiva dos raios da luz pelos humores dos olhos; no segundo caso devem ser convexas para augmentar a refração: mas em ambos se deve procurar adaptar estas superficies á condição do olho; porque acostumando-se este a uns mesmos oculos se augmentará o defeito da vista com o uso de lentes mui subidas, e usando pelo contrario poderá diminuir-se ou pelo menos não se augmentará aquelle defeito. Alem disso é necessario considerar que na maior parte das pessoas, que necessitam do auxilio dos oculos, a força ou grau de vista n'um olho é differente no outro. Os fabricantes de instrumentos opticos e os que nelles negoceam teem um methodo, que lhes ensina a pratica, para determinar o grau de vista em cada olho, e a força de cada lente, segundo a graduação da concavidade ou convexidade dos vidros, o que facilita escolher os mais appropriados. Se a pessoa, que os precisa, na escolha se deixa guiar meramente pela primeira impressão, é provavel que tome lentes mais subidas do que deve usar, sendo a consequencia damnificar mais a vista adaptando-as a ambos os olhos. As pessoas de vista curta, principalmente, deverão abster-se quanto lhes for possivel de augmentar a graduação dos seus oculos. Outro requisito mui essencial hão-de ter os vidros, que é serem uniformemente lisos e polidos, perfeitamente transparentes e destituídos de côr. Os verdes só podem aproveitar a olhos mui sensiveis por motivo de enfermidade, ou a pessoas expostas á vista da neve quando brilha o sol ou de outros objectos por extremo resplandecentes.

Ha uma experiencia moderna e muito importante. Um litterato perdeu quasi a vista na idade de sessenta annos, e acostumado a passar a vida com os seus livros reputava-se um dos homens mais miseraveis: uma especie de neblina lhe offuscava os olhos de maneira que nem distinguia os objectos, vendo apenas os vultos em grosso. Não achava oculos que lhe servissem, e olhando para um livro não divisava senão um papel confusamente manchado. Aborrecido do seu estado melancolico recorreu ao seguinte expediente. Procurou uns oculos de grandes aros, e tirando-lhes os vidros, substituiu em cada circulo um tubo conico de cobre oxidado negro: olhando pela parte larga daquella pyramide conica podia ler a letra mais miuda posta na outra extremidade. Estes tubos eram de differente largura variando tambem o espaço de suas aberturas e quanto menores eram estas, tanto melhor podia ler: porem a abertura maior apresentava um campo com mais letras, e por conseguinte tinha mais necessidade de mover a cabeça e a mão quando lia. Umaz vezes applicava um olho e outras o outro, aliviando-os alternativamente; não podendo reunir-se os raios visuaes dos dois olhos sobre o mesmo objecto por causa da separação dos dois tubos opacos. Os tubos devem ser ennegrecidos por dentro para não haver brilho que offusque; e feitos de modo que se possam encurtar ou estender, alargar ou reduzir as aberturas. Depois achou que era inutil a armação para estes oculos e mais conveniente o te-los na mão. Claro está que nada importa que o material dos tubos seja

este ou aquelle, com tanto que a superficie interior seja bem negra.

#### TITULOS DE SOBERANOS.

Os TITULOS dos monarchas variam muito nos differentes paizes; e na maior parte das nações da Europa teem sido muito alterados com o tempo. Os reis de Inglaterra intitulavam-se reis da França; e os soberanos deste paiz proclamavam-se igualmente reis de Navarra. O mesmo tem acontecido a outros monarchas da Europa. — O titulo mais distincto do rei de Hespaaha é o de *magestade catholica*; do rei de Portugal o de *magestade fidelissima*, e do rei de França o de *magestade christianissima*. O rei de Inglaterra denomina-se *defensor da fé*; e o imperador da Austria *magestade cesariana*. — Todos os principes de Alemanha gosam do titulo de alteza; e aos estados de Hollanda da-se o titulo de *altesa poderosa*. Estes dictados, posto que retumbantes, são todavia assaz modestos comparados com os adoptados pelos monarchas orientaes. — O rei de Avá denomina-se *irmão omnipotente do sol, e rei dos vinte e quatro guardachuvas* os quaes o precedem quando apparece em publico. — O rei de Monomotapa, intitula-se *senhor do sol e da lua, magico maravilhoso, e grão ladrão!* . . . O imperador de Arracan denomina-se *imperador de Arracan, senhor do elephante branco, e dos dois anneis*. — O rei d'Achan arroga nada menos que os seguintes titulos “soberano do universo, cujo corpo é tão luminoso como o sol; a quem Deus creou tão perfeito como a lua cheia; cujos olhos brilham como a estrella polar;—rei tão espiritual como a re-“ dondeza de uma bolla, e que quando se levanta co-“ bre com a sua sombra todos os seus vassallos, ex-“ halando seus pés um cheiro suavissimo, &c.

O rei da Persia, depois de extensa enumeração dos paizes que lhe estão sujeitos, denomina-se *raão de honra, espelho de virtude, e rosa de leite*.

N'um tractado de paz, que nos veio á mão, celebrado entre a Turquia, e França, assume o sultão os seguintes titulos, — “Eu que por graça infinita “ do grande, justo, e omnipotente creador, e por “ milagres sem conto do maior dos prophetas, sou “ imperador de imperadores, refugio de soberanos, “ distribuidor de coroas aos reis da terra, servo das “ sacratissimas cidades [Meca e Medina] governador “ da santa cidade de Jerusalem, senhor da Europa, “ Asia, e Africa, &c. conquistadas pela nossa victo-“ riosa espada, e nossa terrivel lança; dono dos ma-“ res [o branco e negro] de Damasco; fragrancia do “ paraíso; soberano de Bagdad, séde dos kalifas; se-“ nhor das fortalezas de Belgrado, Agra; assim co-“ mo de innumeraveis territorios, ilhas, estreitos, “ gerações, e de muitos exercitos victoriosos que es-“ tão sob a protecção da nossa Sublima Porta.—Eu “ que sou a sombra de Deus sobre a terra! — &c.”

Os homens governam-se pelos costumes e pelas leis: os costumes consideram-se como dictames proprios, e as leis como preceitos alheios. E por isso os grandes legisladores não cuidaram tanto em fabricar systemas de legislação como em estabelecer a educação publica, de maneira que na massa das suas nações se creassem as maximas, sentimentos e disposições, que convinhão aos fins politicos do governo, e á situação das ditas nações a respeito das outras; porque as antilogias das leis umas com outras facilmente se conciliam, mas a antilogia das leis com o espirito das nações traz consigo a ruina dos estados. — *J. M. da Rocha.*